

MAÍSA ZAKZUK

# EU ESTOU AQUI

CRIANÇAS QUE DEIXARAM SEUS PAÍSES  
PARA COMEÇAR UMA NOVA VIDA NO BRASIL

Fotos: Daiane da Mata

© Maisa Zakzuk

Diretor editorial  
*Marcelo Duarte*

Projeto gráfico e diagramação  
*Carolina Ferreira*

Diretora comercial  
*Patth Pachas*

Preparação  
*Beatriz de Freitas Moreira*

Diretora de projetos especiais  
*Tatiana Fulas*

Revisão  
*Lindsay Viola*

Coordenadora editorial  
*Vanessa Sayuri Sawada*

Impressão  
*BMF*

Assistente editorial  
*Olivia Tavares*

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Zakzuk, Maisa

Eu estou aqui: crianças que deixaram seus países para começar uma nova vida no Brasil/Maisa Zakzuk; fotografias Daiane da Mata. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2019. 64 pp.

ISBN 978-85-7888-739-1

1. Refugiados – Brasil. 2. Crianças refugiadas. I. Mata, Daiane da. II. Título.

Bibliotecária: Vanessa Mafra Xavier Salgado – CRB-7/6644

19-56407

CDD: 305.906914

CDU: 316.35-054.73

2019

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Para Rosa, Rodrigo, Jay, Sebastien, Rimas, Ikram, Mariam, Alcides, Cristina, Jaime, Ghazal e Edwar, que contaram suas histórias compartilhadas neste livro.

Aos irmãos Mohamed e Maya e outras crianças que também trocaram de país e deixaram parte da família para recomeçar a vida.

A todas as pessoas, escolas e instituições que acolhem com amor os refugiados e os imigrantes, sem distinção de raça, religião e gênero.

# SUMÁRIO

6 APRESENTAÇÃO

REPÚBLICA  
DOMINICANA



44  
AS PEDALADAS  
DE JAIME

MARROCOS



28  
IKRAM E  
AS CEREJAS

OCEANO  
PACÍFICO

VENEZUELA



52  
PEQUENO  
GRANDE EDWAR

HAITI



20  
O CAMINHO  
DE SEBASTIEN

OCEANO  
ATLÂNTICO

BOLÍVIA



12  
RODRIGO SHOW  
DE BOLA

PARAGUAI



36  
O GUARANI  
DE ALCIDES

**LÍBIA**



24

O MUNDO DE RIMAS

**SÍRIA**



48

GHAZAL NO COMANDO

**COREIA DO SUL**



16

JAY TOCANDO A VIDA

**PALESTINA**



32

VOA, MARIAM!

**REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO**



40

CRISTINA E SUAS TRANÇAS

OCEANO ÍNDICO

OCEANO PACÍFICO

**ANGOLA**



8

ROSA VAI À LUTA

56 UM NOVO PAÍS, UMA NOVA CASA

60 BASTIDORES CHEIOS DE HISTÓRIA

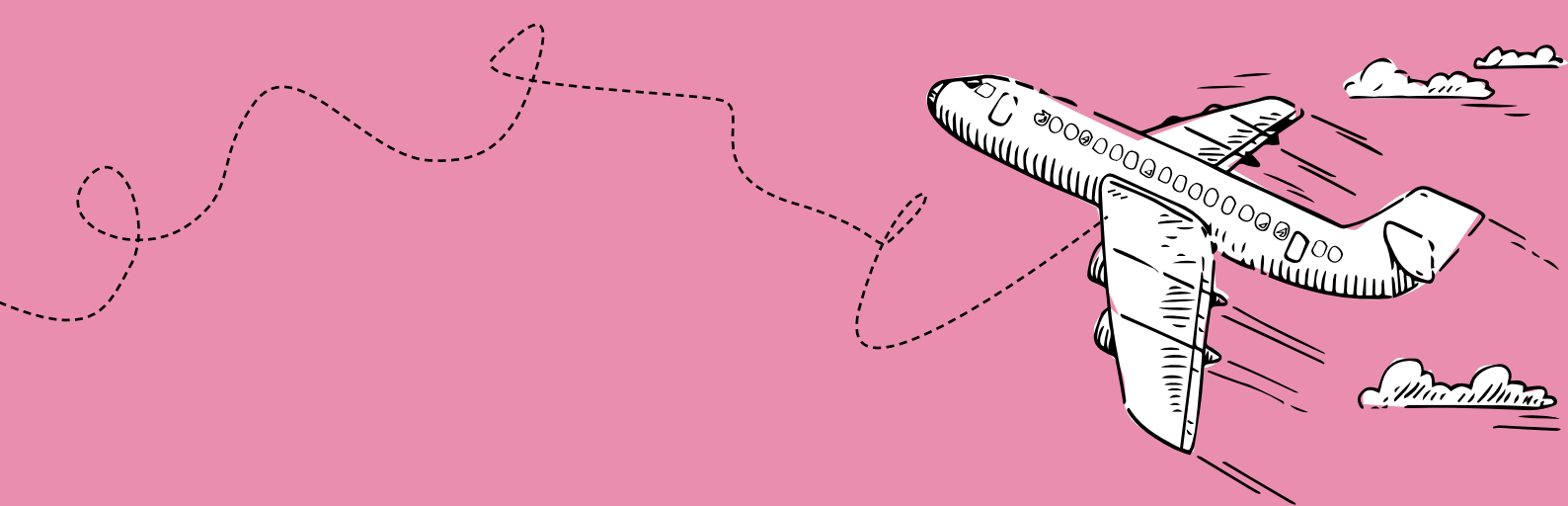
# APRESENTAÇÃO

É muito difícil ter que deixar a casa da gente – e toda a vida que construímos ali dentro. Imagine ser obrigado a abandonar, de um dia para o outro, a nossa própria pátria.

Neste livro, eu reuni a história de 12 crianças que deixaram sua terra natal por diferentes motivos. São 12 histórias, mas poderiam ser muito mais. As entrevistas que fiz foram experiências muito valiosas para mim. Encontrar famílias dispostas a vencer a desconfiança e contribuir com esse projeto acabou sendo a etapa mais delicada da produção do livro. Conteí com a ajuda de instituições, escolas e igrejas de apoio a refugiados e imigrantes. E também com o empenho de professores, jornalistas, voluntários, médicos e diferentes profissionais que dedicam parte do seu tempo a tornar a vida dessas pessoas que aqui chegam um pouco menos dura.

Muitas das crianças entrevistadas – e também seus pais – não têm ainda fluência em português. Mas isso não foi um empecilho: outras crianças da mesma nacionalidade, que vieram para o Brasil antes, me ajudaram como tradutores mirins e possibilitaram a nossa comunicação.

Toda vez que uma família aceitava conceder uma entrevista, minha alegria era imensa. Eu e a fotógrafa Daiane da Mata íamos felizes ouvir essas histórias em escolas, casas e instituições. Saíamos sempre contagiadas pela força dessa gente que procura um novo país para recomeçar e reconstruir suas vidas.



Senti muito orgulho de ver a dedicação de professores, diretores e funcionários no acolhimento dos alunos estrangeiros. Em uma das escolas visitadas, por exemplo, a direção colocou placas de sinalização em quatro línguas: português, inglês, espanhol e árabe. A escola foi até premiada por causa dessa iniciativa!

É claro que também ouvi histórias tristes. Conheci famílias que deixaram parentes para trás e que convivem diariamente com essa dor. Presenciei conversas e trocas de mensagens comoventes com os familiares que permaneceram no país de origem. Observei também a difícil situação econômica que essas pessoas atravessam aqui. Muitas vezes, o dinheiro que recebem mal dá para pagar o aluguel e a comida. Ainda assim, esses novos moradores acreditam estar mais seguros no Brasil.

Durante todas as entrevistas, percebi que essas crianças, apesar de virem de países diferentes, com hábitos e culturas distintas, têm brincadeiras, sonhos e desejos muito semelhantes. Aprenderam desde cedo a necessidade de ajudar. Posso dizer que elas ganharam uma aliada nessa corrente. Meus novos amigos: podem contar sempre comigo! Eu estou aqui com vocês!

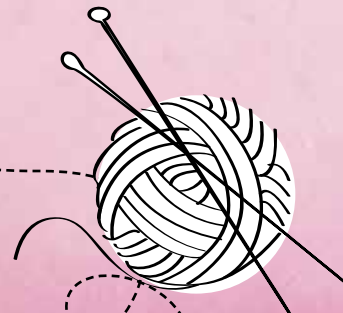
**MAÍSA ZAKZUK**

# ANGOLA

CONTINENTE: ÁFRICA

CIDADE NATAL: LUANDA

LÍNGUA MATERNA: PORTUGUÊS







# ROSA VAI À LUTA

**R**osa nasceu em Angola, país do continente africano que foi colonizado pelos portugueses. Após sua independência, a nação atravessou 27 anos de guerra civil. Esse período trouxe muitos problemas para a população nas áreas de saúde, educação, segurança e economia. A vida das crianças angolanas ficou bastante difícil, pois mal havia vagas nas escolas.

A família de Rosa, depois de tantas dificuldades, decidiu deixar a capital, Luanda, e vir para o Brasil em busca de uma vida melhor. Chegaram aqui em 2013.

Passaram a primeira noite no Rio de Janeiro. Na cidade carioca, Rosa tomou banho de chuveiro com água quente pela primeira vez na vida. Em Luanda, o banho era no tanque e com água fria. Na manhã seguinte, Rosa, as duas irmãs, o pai e a mãe viajaram de ônibus para São Paulo à procura de emprego, casa e comida. O pai de Rosa conseguiu trabalho como camelô. Hoje, a família mora na zona Leste da capital paulista.

Rosa tem o nome da avó materna. Já a irmã mais velha, Gabriela, tem o nome da avó paterna. A terceira filha se chama Aixa, que na verdade era para ser Aisla, mas em Angola as famílias não podem inventar nomes – apenas nomes preestabelecidos pelo governo são permitidos.

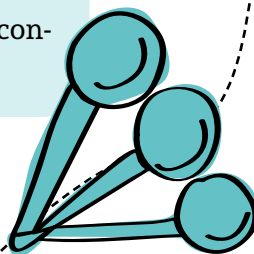
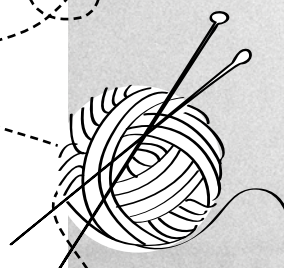
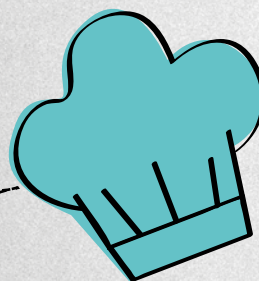
A rotina de Rosa no Brasil é bem diferente da que ela tinha em Angola. De manhã vai à escola, à tarde faz balé, culinária e bordado. Chega em casa por volta das sete da noite. Se estivesse em sua terra natal, esse seria o horário de ir para a escola. Lá, o jeito mais fácil de conseguir uma vaga na escola pública é escolher o período noturno.

Mesmo tendo deixado o país de origem há alguns anos, as lembranças da infância em Angola continuam bem vivas na memória de Rosa. Uma de suas brincadeiras favoritas era “comidinha de latinha”. Ela e as irmãs colocavam arroz e feijão em latinhas de refrigerante e cozinhavam no fogo de carvão. A brincadeira despertou um desejo em Rosa. Quando crescer, ela quer ser proprietária de um restaurante de comida africana e ser lutadora de artes marciais.

## GUERRA CIVIL

Uma guerra é civil quando há conflito entre os habitantes de um mesmo país. Em Angola, a guerra começou quando o país deixou de ser colônia de Portugal, em 1975.

O conflito envolveu essencialmente três grupos políticos que rivalizavam entre si na disputa interna pelo poder. Considerada a guerra civil mais longa do continente africano, o conflito terminou somente em 2002.





# BOLÍVIA

CONTINENTE: AMÉRICA DO SUL

CIDADE NATAL: LA PAZ

LÍNGUA MATERNA: ESPANHOL





# RODRIGO SHOW DE BOLA

**M**aria era dona de casa. O marido, Máximo, tentava ganhar a vida trabalhando em construção. A crise econômica em La Paz, capital da Bolívia, impossibilitou ao casal garantir o sustento dos três filhos.

Em 2016, os pais de Rodrigo decidiram deixar o país e viajaram de carro por quatro dias para chegar ao Brasil. A viagem parecia não acabar. A grande tristeza do garoto de 12 anos foi não ter trazido o gato, o cachorrinho de pelúcia e, principalmente, os avós.

Depois de dois anos no novo país, Rodrigo já se sente adaptado aos costumes brasileiros. Quer dizer, a quase todos. Não gosta de feijoada, mas adora brigadeiro. O garoto fica com água na boca quando fala das inesquecíveis *papas fritas* (batatas fritas) que comia na Bolívia. Segundo ele, não têm comparação com as que come aqui. Das brincadeiras em sua terra natal, substituiu apenas o nome: *pesca-pesca* virou pega-pega.

Rodrigo adora o Brasil. Voltar para La Paz, só se for para buscar os avós, rever os amigos e curtir a festa de Carnaval da sua cidade. Até com o calor do clima tropical ele já se acostumou. La Paz é conhecida como a capital mais alta do mundo e, na maior parte do ano, a temperatura é muito baixa, com média de oito graus.

Na casa em que mora vive também outra família boliviana. Enquanto seus pais trabalham em uma confecção como costureiros, Rodrigo vai para a escola, onde cursa o sexto ano. É um garoto que se destaca por ser muito atencioso com todos os colegas de classe, mesmo sendo tímido.

Aos fins de semana, sua família gosta de passear e de tomar *helado de frutilla* (sorvete de morango) na Feira Kantuta, local onde os imigrantes bolivianos se reúnem para comer, dançar e comprar artigos típicos do seu país de origem.

Das lembranças, Rodrigo guarda o dia em que assistiu a uma partida de futebol em um estádio em La Paz. Mesmo sem se recordar dos times que jogaram, diz que foi emocionante. Desde que chegou ao Brasil, é torcedor do Corinthians e sonha em ser um jogador de futebol famoso. Ficará muito feliz se a Bolívia disputar as próximas edições da Copa do Mundo. Se for um craque, mesmo com o seu coração boliviano, Rodrigo avisa que vai querer jogar pelo Brasil.

## FEIRA KANTUTA

A Feira Kantuta, que acontece na Praça Kantuta, em São Paulo, é o ponto de encontro de imigrantes da América Latina, em especial os bolivianos.

Além das comidas típicas, há produtos e temperos andinos, instrumentos musicais, artesanato, roupas e apresentação de danças tradicionais da cultura latino-americana.

